

Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
Leonardo Batista Pedroso
(Organizadores)

Geografia, Ensino e Construção de Conhecimentos



Atena
Editora

Ano 2021

Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
Leonardo Batista Pedroso
(Organizadores)

Geografia, Ensino e Construção de Conhecimentos



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Geografia, ensino e construção de conhecimentos

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
Leonardo Batista Pedroso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia, ensino e construção de conhecimentos /
Organizadores Fernanda Pereira Martins, Raquel Balli
Cury, Leonardo Batista Pedroso – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-968-4

DOI 10.22533/at.ed.684210904

1. Geografia. I. Martins, Fernanda Pereira
(Organizadora). II. Cury, Raquel Balli (Organizadora). III.
Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A escola se traduz enquanto um espaço plural, onde o conhecimento manifesta-se de diferentes maneiras, sejam elas provenientes de experiências e vivências, bem como de aspectos teórico-metodológicos e técnicos de cada área do conhecimento.

A Geografia, não obstante da importância das demais disciplinas, destaca-se pela notoriedade quanto à visão crítica do mundo, fruto da compreensão das dinâmicas inerentes ao espaço geográfico. Discutir Geografia é, antes de tudo, discutir o espaço vivido, transformado, particular e plural. As experiências deste vasto mundo não se segregam daquelas praticadas no ambiente escolar. Muito pelo contrário, este é apenas um dos fragmentos do espaço geográfico onde materializam-se questões culturais, étnicas, econômicas e sociais como um todo.

Diferente dos demais espaços onde os aspectos geográficos são moldados, a escola representa essa construção, mas também a sua compreensão e abstração. Adornar criticamente a visão que temos do mundo é uma das funções delegadas ao ambiente escolar, cerne da construção do conhecimento.

Essa visão romântica e até mesmo quase poética da ciência geográfica é a tradução simples da complexidade de relações que essa ciência nos proporciona no cotidiano escolar.

Este livro está constituído por 18 capítulos, que remontam distintas experiências neste contexto supracitado, cada qual com sua expertise e contribuições epistemológicas.

Esperamos que os relatos, conhecimentos e experiências apresentados aqui sejam de grande valia para a construção de saberes e enriquecimento da Geografia brasileira. Que seja uma leitura agradável e profícua.

Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
Leonardo Batista Pedroso

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A GEOGRAFIA HUMANA E SUAS PAISAGENS: DIAGNÓSTICO PARA O FORTALECIMENTO DA MARCA IFG, CAMPUS GOIÂNIA, GO

Anna Lara Rodrigues
Bruna Martinelle Cyrillo da Silva
Gabriel de Araújo Fonseca
Fábio Carvalho
Júlia Lopes Machado
Júlio César Caixeta
Lídia Milhomem Pereira
Lucas Alves de Santana Garcia
Tallyson da Silva Santos Cavalcanti

DOI 10.22533/at.ed.6842109041

CAPÍTULO 2..... 15

A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Severino Alves Coutinho

DOI 10.22533/at.ed.6842109042

CAPÍTULO 3..... 24

A PERCEÇÃO DOS ENTES FEDERADOS QUANTO A VISIBILIDADE EDUCATIVA MEDIANTE A BNCC COM FOCO NA GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS

Bernadeth Luiza da Silva e Lima

DOI 10.22533/at.ed.6842109043

CAPÍTULO 4..... 36

ABORDAGEM DA TEMÁTICA GEOCONSERVAÇÃO/PATRIMÔNIO GEOLÓGICO PELO DOCENTE DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL BÁSICO

Karlos Augusto Sampaio Junior
Adriana Oliveira Silva

DOI 10.22533/at.ed.6842109044

CAPÍTULO 5..... 48

COMO É REPRESENTADO O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

Antuerber Arthur Alves Farias da Luz

DOI 10.22533/at.ed.6842109045

CAPÍTULO 6..... 58

ENSINAR EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM EM SÃO GONÇALO: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

Ana Claudia Ramos Sacramento
Guilherme Freitas Hartmut Behm

DOI 10.22533/at.ed.6842109046

CAPÍTULO 7	75
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA Gabriel de Miranda Soares Silva DOI 10.22533/at.ed.6842109047	
CAPÍTULO 8	83
OFICINAS LÚDICAS COMO APORTES DO ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE MONTES CLAROS – MG Iara Maria Soares Costa da Silveira Túlio de Oliveira Ruas DOI 10.22533/at.ed.6842109048	
CAPÍTULO 9	92
RELEVO E ENSINO: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA GEOGRAFIA ESCOLAR EM MANAUS-AM Carlos Silva da Costa Brito Miguel Sá de Souza Brito Adorea Rebello da Cunha Albuquerque DOI 10.22533/at.ed.6842109049	
CAPÍTULO 10	102
A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E O DIREITO À CIDADE Glória da Anunciação Alves DOI 10.22533/at.ed.68421090410	
CAPÍTULO 11	110
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO: A DESARTICULAÇÃO E DESAGREGAÇÃO TERRITORIAL NOS FAXINAIS DO PARANÁ Reinaldo Knorek Ancelmo Schörner Rui Pedro Julião Carlos Alberto Marçal Gonzaga DOI 10.22533/at.ed.68421090411	
CAPÍTULO 12	122
ESTIMATIVA DA TEMPERATURA DA SUPERFÍCIE DO MAR VIA SENSORIAMENTO REMOTO E DETECÇÃO DO FENÔMENO DE RESSURGÊNCIA, UMA COMPARAÇÃO ENTRE MARROCOS E PORTUGAL Thyago Anthony Soares Lima DOI 10.22533/at.ed.68421090412	
CAPÍTULO 13	139
LAGO DO REMANSO, CONHECER PARA PROTEGER Angela Maria Correa Mouzinho Santos Alexsandra Maura Costa Bernal Martin João Pedro Araújo Silva Daniel Cutrim Aires	

Ronilson Lopes Brito
Vagner de Jesus Carneiro Bastos
DOI 10.22533/at.ed.68421090413

CAPÍTULO 14..... 155

MIGRAÇÕES E O AUMENTO DO NÍVEL DO MAR: O CASO DOS ESTADOS DAS ILHAS ATOL

Gabriela Mendonça da Trindade
João Vitor Cepinho
Gabrielly Zuquim Ferreira Pereira

DOI 10.22533/at.ed.68421090414

CAPÍTULO 15..... 167

OLHARES SOBRE A MEMÓRIA E TERRITORIALIDADE NA AVENIDA GETÚLIO VARGAS EM CUIABÁ-MT

Sônia Regina Romancini
João Marcos de Campos Barros Corrêa
Franciellen de Almeida Figueiredo

DOI 10.22533/at.ed.68421090415

CAPÍTULO 16..... 178

POLÍTICA DE ATRAÇÃO DE INDÚSTRIAS NA BAHIA E OS PROGRAMAS DE INCENTIVO FISCAL NA DÉCADA DE 1990

Vanessa da Silva Vieira

DOI 10.22533/at.ed.68421090416

CAPÍTULO 17..... 187

REVITALIZAÇÃO DO CÓRREGO BARRO ALTO

Maria Ivanúbia de Queiroz
Edna Sousa Nunes
Izabel Liandra Pereira Meireles

DOI 10.22533/at.ed.68421090417

CAPÍTULO 18..... 196

TERRITÓRIOS DA MORTE, DO MEDO E DE RESISTÊNCIA LGBTQIAP+: POR UMA LEITURA GEOGRÁFICA DAS MORTES, DO MEDO E DAS RESISTÊNCIAS CONSTRUÍDAS POR CORPOS DISSIDENTES

Wilians Ventura Ferreira Souza
Carlos Alberto Feliciano

DOI 10.22533/at.ed.68421090418

SOBRE AS ORGANIZADORES..... 207

ÍNDICE REMISSIVO..... 208

CAPÍTULO 11

DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO: A DESARTICULAÇÃO E DESAGREGAÇÃO TERRITORIAL NOS FAXINAIS DO PARANÁ

Data de aceite: 01/04/2021

Reinaldo Knorek

Universidade Estadual do Centro-Oeste
Unicentro

Ancelmo Schörner

Universidade Estadual do Centro-Oeste
Unicentro

Rui Pedro Julião

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
CICS.NOVA – NOVA FCSH

Carlos Alberto Marçal Gonzaga

Universidade Estadual do Centro-Oeste
Unicentro

RESUMO: Este artigo inquirir compreender o desenvolvimento comunitário por meio do processo de mudanças na desarticulação e desagregação na espacialidade ocorrida nos faxinais do Estado do Paraná-Brasil. Os Faxinais são uma forma cultural própria dos camponeses se organizarem, tendo em vista o aproveitamento em comum dos recursos naturais, especialmente, as pastagens exploradas em forma de criadouros comuns. Essas comunidades vêm sofrendo um processo de desagregação nos últimos 40 anos, a ponto de alguns deles desaparecerem, modificando esse território: formando assim novas paisagens. O método utilizado é o exploratório-descritivo, tendo como procedimento de pesquisa a coleta de dados por meio de entrevistas com moradores dos faxinais,

na busca de responder a questão sobre o contexto histórico de espacialidade nos faxinais, utilizando-se de fontes de relatos históricos orais e bases de fotografias atuais, com o objetivo de compreender mudanças na espacialidade territorial. Em conclusão, destaca-se a situação de desestruturação territorial provocada por um conjunto de antagonistas, como os fazendeiros, chacreiros, migrantes catarinenses e gaúchos, mineradoras, plantadores de *pinus*, *eucaliptos* e soja que vem ocupando os faxinais. Assim, advém a desagregação dos faxinal que deixam de funcionar com duas de suas principais características - as terras de plantar e as de criação em comum -, desencadeando desigualdades sociais expressivas harmonizadas por indivíduos ou grupos que vivem e detem a posse dos faxinais no Paraná.

PALAVRAS - CHAVE: Desenvolvimento Comunitário; Espacialidade; Território; Faxinais.

ABSTRACT: This article seeks to understand community development through the process of changes in the disarticulation and disaggregation in spatiality that occurred in the faxinais of the State of Paraná-Brazil. The faxinais are a cultural form proper to peasants to organize themselves, with a view to the common use of natural resources, especially pastures exploited in the form of common breeding sites. These communities have been undergoing a process of disintegration for the past 40 years, to the point that some of them disappear, changing this territory: thus forming new landscapes. The method used is exploratory-descriptive, with the research procedure of collecting data through

interviews with residents of faxinals, in an attempt to answer the question about the historical context of spatiality in faxinals, using sources of historical reports oral and current photo bases, in order to understand changes in territorial spatiality. In conclusion, we highlight the situation of territorial disruption caused by a set of antagonists, such as farmers, farmers, migrants from Santa Catarina and Rio Grande do Sul, mining companies, pine, eucalyptus and soy planters that have been occupying the faxinals. Thus, there is the breakdown of the faxinal that cease to function with two of its main characteristics - the land of planting and that of creation in common -, triggering expressive social inequalities harmonized by individuals or groups that live and hold the possession of the faxinals in Paraná.

KEYWORDS: Community Development; Spatiality; Territory; Faxinals.

11 CONCEPÇÕES E ABORDAGENS ACERCA DO DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

O desenvolvimento comunitário, entre todos os sentidos culturais acarreta a visão que põe em evidência a conhecer maior número de diferenças entre as coisas e espaços e, assim, leva-nos a compreender e apontar que o crescimento e o desenvolvimento comunitário estão, profundamente, ligados à um progresso, ou seja, ordem dos muitos direitos fundamentais do homem e, sobretudo, na visão das estruturas e formação territorial, fundamental para a vida presente e futura de uma comunidade organizada, como exemplo um faxinal. Por conseguinte, desenvolver uma comunidade que é um processo (na sua origem é uma palavra processo vem no latim “*procedere*”, que significa, além de ordem é um método, sistema, maneira de agir ou conjunto de medidas tomadas para atingir algum objetivo) relativamente à sua etimologia, processo é uma palavra relacionada com percurso, e significa “avançar” ou “caminhar para frente”, se bem configurado leva ao desenvolvimento comunitário em todas suas formas e aplicações. O desenvolvimento no seu conceito e forma, precisa ser desdobrado em adjetivos, para seu entendimento e essência, porquanto, no seu contexto de aplicação que se transformam em vários aspectos como: desenvolvimento comunitário, regional, territorial, humano, econômico, social, ambiental, tecnológico, cultural, psicológico, rural, urbano, geográfico, endógeno, exógeno, local, industrial, nacional, municipal, educacional, entre tantos outros, ajudam certamente a corroborar na compreensão e aplicação conceitual, nas diversas áreas das ciências voltadas ao desenvolvimento de forma sustentável.

Para HERNANO CARMO (1999, p. 67) quando define o que é desenvolvimento comunitário, o mesmo diz que desenvolvimento deve integrar dois pontos ou conceitos de referência: 1) Desenvolvimento, 2) Comunidade.

O primeiro ponto – **desenvolvimento** -, segundo o autor tem como ponto de partida o conceito de problema social. Um seria a situação que afeta um número significativo de pessoas e é julgado por estas ou por um número significativo de outras, como uma fonte de dificuldades ou infelicidades e considerada susceptível de melhoria. O outro ponto, seria à situação incompatível com os valores de um significativo número de pessoas das

quais concordam ser necessária uma ação transformadora. O autor diz que essas noções contêm dois aspectos importantes a reter: primeiro o fato de ser uma situação que afeta um número significativo de pessoas, o que leva a perspectiva questão nível *macro*. Cita, o exemplo de uma criança que morre ao nascer, a mesma não constitui em si um problema social, uma vez que afeta um número reduzido de pessoas. E acrescenta dizendo que se considerarmos como fazendo parte de um conjunto de crianças que morreram à nascença num dado território e, se esse número for significativo, traduzido numa elevada taxa de mortalidade infantil, então contém o primeiro elemento da definição de problema social.

Carmo (1999) ao citar o conceito de desenvolvimento, aproxima-se de uma terminologia, ocasiona a referência do dicionário etimológico da Língua Portuguesa de José Pedro Machado:

A palavra **desenvolver** é constituída por *des+envolver*: o prefixo *des, de origem latina* (dis), significa, entre outras coisas, **cessação de algum estado** ex.: desengano); forma adjectivos em que se nega a qualidade primitiva (ex: descortês, desumano, desconexo, desleal). Nos verbos denota entre outros significados uma cessação da situação primitiva (ex: desempatar, desoprimir, desmamar, desenganar, desimpedir. A palavra *envolver*, por seu turno, significa, entre outras coisas, **enredar** (ex: envolveu-o na conspiração). (CARMO, 1999, p.68)

O segundo ponto, **comunidade** se relaciona ao conceito de desenvolvimento, pois, se encontra em diversos significados, principalmente no contexto do qual está inserida. Para Carmo:

Assim, é freqüente ouvirmos ou lermos o termo aplicado para designar pequenos agregados rurais (aldeias, freguesias) ou urbanos (quarterões, bairros), mas também a grupos profissionais (ex: comunidade médica, comunidade científica), a organização (comunidade escolar), ou a sistemas mais complexos como países (comunidade nacional) regiões (comunidade europeia) ou mesmo o mundo visto como um todo (comunidade internacional e mundial). (CARMO, 1999, p. 72-73).

Comunidade ou o estado do que se é comum, uma identidade ou um direito comum, que faz parte do corpo social. Pode ser qualquer grupo social, cujos membros habitam num mesmo território, numa região, num espaço e que estão irmanados pela mesma herança cultural e histórica. Assim, comunidade em razão dos aspectos geográficos, econômicos, sociais, ambientais e culturais: configuram o formato integrado com forte coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos e membros formadores desses espaços ocupados: nomeados de comunidade. Desses pontos de vista, as concepções de comunidade e sociedade se estendem em discussões, e, segundo ÀVILA (1991), a comunidade se distingue da sociedade por objetivos distintos de sua formação. Assim o define:

Comunidade do latim – *cum + unitas* = uma unidade feita pela integração ou participação de muitos. É uma forma estável de associação da qual os membros participam por aquilo que são. Nesse sentido, distingue-se da sociedade ou formas societárias de associação das quais os membros participam por aquilo que têm. A família, à qual estamos integrados por aquilo que somos e na qual empenhamos a nossa própria vida, é uma comunidade. Uma firma que se constitui com o capital dos acionistas é uma sociedade. A família é uma realidade envolvente que compromete todo o nosso ser; na sociedade anônima entra apenas o nosso dinheiro. A comunidade, de certo modo, preexiste a seus membros como modelo associativo. Quem constitui família não cria a instituição familiar, já a encontra feita. A sociedade é criada por um acordo dos membros, geralmente sobre uma base contratual. A comunidade tem sempre interesses convergentes: a sua própria permanência para o bem comum da qual todos participam. Na sociedade, os membros têm interesses divergentes ou paralelos visando ampliar aquilo que empenham na sua criação: cada acionista deseja aumentar os seus dividendos. Os membros participam da comunidade por aquilo que são. Ora, eles são seres racionais e livres, isto é, capazes de pensar e decidir. Assim, na comunidade, os homens pensam e decidem juntos. (ÁVILA, 1991, p. 96).

Para o mesmo, o conceito de comunidade existe e depende de vários requisitos para ser percebida como uma comunidade real. Não obstante, muitas comunidades não conseguem se fundamentar por não construírem, no seu âmago, a consciência comunitária, pois seus membros afeiçoam em viver isolados, de forma a cuidarem somente de suas necessidades e interesses próprios. É verdade que para se fundamentar o desenvolvimento comunitário, seus membros devem buscar interesses comuns: desenvolver a cooperação, as relações mútuas entre as pessoas da comunidade para constituir os aspectos desenvolvimentistas de ser uma comunidade.

O sociólogo polonês, Sygmunt Bauman, fala que a “comunidade produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra ‘comunidade’ carrega – todos eles - prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que gostaríamos de experimentar, mas não alcança mais”. O autor ainda diz que:

As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade,” “estar numa comunidade”. Se alguém se afasta do caminho certo, freqüentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que “anda em má companhia”. Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade — o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa. Os significados e sensações que as palavras carregam não são, é claro, independente. “Comunidade” produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra “comunidade” carrega — todos eles prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que gostaríamos de experimentar, mas que não alcança mais. Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual

esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza, dificilmente um “canto” aqui é “escuro”). Numa comunidade, todos nós entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. (BAUMAN, 2003, p.7-8).

Tranqüilamente, a comunidade é a segurança em meio à hostilidade, é uma coisa boa, de viver com pessoas amigáveis e segundo o autor essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes

Consoantes, quando uma comunidade organizada - como um faxinal - é fundamental para que o desenvolvimento comunitário se solidifique de força na espacialidade de forma e uso comum, em qualquer espaço geográfico neste mundo: um sentimento de pertencer em si mesma ao mesmo espaço organizado, com sustentabilidade.

2 | DESENVOLVIMENTO DOS FAXINAIS E SEUS ASPECTOS CULTURAIS

No seu aspecto cultural de desenvolvimento, os Faxinais são denominados, segundo (CHANG, 1988), criadouros comunitários onde habitam também famílias que não possuem terras de sua propriedade. Estas famílias são geralmente compostas por semelhantes dos próprios atores do mesmo lugar ou derivadas de outros locais, onde tiveram que deixar suas terras por razões diversas. Ainda nesta condição, as famílias têm o direito de criar seus animais no criadouro, dependendo do consentimento do proprietário da terra, na qual elas residem na comunidade como um todo. Segundo BARRETO (2015) as características dos faxinais pode-se definir como:

As comunidades de faxinais apresentam no seu interior propriedades que, embora sejam particulares, não são cercadas, e os animais, tanto os de grande porte (bovinos e equinos) quanto os de pequeno porte (suínos, caprinos e aves) são criados soltos nos criadouros comunitários. As casas também ficam dispersas no interior dos criadouros, ao longo dos caminhos. Cada uma delas possui cerca e portão, pois, junto a elas, encontram-se quintais e pomares individuais, além do paiol e do curral que ficam protegidos da invasão desses animais. Os animais se alimentam de gramíneas, folhas e alguns pinhões que caem das Araucárias (Araucária angustifolia) no período do inverno. Soma-se a estes o milho, em forma de ração, que é fornecido aos animais diariamente; pela manhã e no final da tarde. Os animais são criados, conforme o caso, ora para o consumo próprio de cada família, ora para o comércio local. A criação de animais para venda, principalmente a do suíno, é uma atividade que sempre esteve presente, não só nos Faxinais, mas no Centro-sul do Paraná como um todo, principalmente no final do século XIX e início do XX (BARRETO, 2015, p. 46).

Para NERONE (2000, p. 62), destaca que o faxinal, é uma forma de organização camponesa baseada na produção animal desenvolvida em espaço coletivo, chamado de criadouro comum ou criadouro comunitário. Essa organização está alicerçada na distinção entre terras de plantar e terras de criar, que se diferenciam pelo uso, sendo parte delas é de uso comum. Assim sendo, uma reflexão construída em sua tese de doutoramento em História, diz que se compreende o sistema faxinal sendo: “[...] uma forma de organização rural que apresenta os componentes produtivos: produção animal (no espaço coletivo, criadouro comum), produção agrícola e extração da erva-mate”. Tal entendimento baseia-se inicialmente nas proposições de Chang (1988), entretanto apresenta outros elementos que auxiliam na definição do sistema.

Ainda NERONE (2000, p. 65) acrescenta que: a comunidade habita a área do criadouro comum, a qual é indivisa e que oferece uma paisagem peculiar. As moradas possuem, na sua maioria, uma cerca ao redor, a qual delimita cada residência e seus espaços contíguos, como o quintal, o jardim, o pátio. Essas cercas separam esse conjunto de outros espaços que também integram a morada, denominados de mangueiras, locais de engorda de porcos ou cativeiros para animais domésticos. Muito embora o espaço físico seja organizado coletivamente para a criação de animais, há que se respeitar a propriedade particular, dessa forma, apenas o proprietário da terra pode extrair a erva-mate, a lenha ou qualquer arbusto de sua terra. Na sequência a autora salienta elementos que diferenciam os faxinais de outros espaços rurais (socioespaciais): a distinção entre as terras de plantar e as terras de criar; a diferenciação entre propriedade e uso das terras; e os sistemas de cercas, porteiras e mata-burros.

Segundo EGGER (2009, p. 22, *apud* SAHR (2005, p. 58). apresenta na figura n 1, o que corresponde a um perfil esquemático do sistema faxinal, auxiliando no entendimento visual do mesmo.



Figura n 1 – Perfil esquemático das terras de faxinais.

Fonte: Egger (2009, p. 22) *apud*. Löwen Sahr (2005, p. 58).

Destaca-se na figura n 1 – supracitada, o perfil esquemático das terras de Faxinal. Legenda: 1 – Espaço do criadouro de uso comum (residências, pastagens, Mata com Araucária e criações); 2 – Limite entre o criadouro de uso comum e as terras de plantar (cercas e valos); 3 – Estradas que atravessam o criadouro (porteiras e mata-burros); 4 – Terras de plantar (milho e feijão). Além da figura, pode-se dizer que estão representados somente os criadouros comunitários e as terras de plantar. Na figura, observa-se que ocorre ausência de maior número de casas construídas umas próximas às outras e a menor presença de vegetação nativa (araucárias, erva-mate, pitangueiras, araçá, guabirobas, etc.). Ainda, segundo a autora, tais elementos não aparecem claramente na representação, mas fazem parte das comunidades faxinalenses de uso coletivo das terras.

Salienta-se ainda que elementos socioculturais como: o uso coletivo da terra, as relações de compadrio e mutirão, a medicina e a religiosidade popular fazem parte do faxinal. Um sistema faxinal, tem na sua identidade a caracterização de um espaço físico natural e, cuja criação e plantio tem seu interesse econômico e comunitário, um dos principais elementos para compreender esse espaço físico construído na relação social cuja finalidade é a organização comunitária.

Da mesma forma, Löwen Sahr e Cunha (2005, p.90) ao analisarem o significado social e ecológico dos faxinais, na região da Mata com Araucária no Paraná, definem esse sistema como sendo “um sistema de uso integrado da terra que abrange além da atividade silvopastoril comunitária, a extração de madeira, a produção de erva-mate e também a agricultura de subsistência”.

Nas fotos n 1 e 2, observa-se os espaços físicos dos faxinais, donde é visto os animais sendo criados soltos em espaços de uso comum, de modo que ainda ocorrem nos faxinais do município de Prudentópolis (PR).



Figuras 1 e 2 – Faxinais abertos em Prudentópolis (PR)

Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Pode-se afirmar e analisar que, o uso do espaço em comum contribui na construção da identidade dos faxinais, tradicionalmente ocupadas no coletivo, designam situações da produção familiar, de acordo com suas possibilidades, variavelmente combinam com apropriação privada: comum dos recursos naturais. Assim sendo, o controle e uso comuns à existência física e social da comunidade: especialmente pastagens naturais, cursos d'água, e criadouros comuns em aberto, como os já citados os mangueirões de criação como destacados nas figuras n 1 e 2 supracitados como ocupação coletiva fundamental para a comunidade faxinalense. Essa paisagem se destaca em todos os faxinais do município, pois os faxinais são geralmente apresentados como sistemas agroflorestais e pastoris, com destaque primordial no manejo de áreas comuns para criação dos animais domésticos típico das comunidades faxinalenses.

Para FÖETSCH (2014, p. 85) fala que a EMATER/PR (Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural) realizou no ano de 1994 o primeiro levantamento numérico sobre o Sistema Faxinal no Estado do Paraná, contemplando um total de 118 faxinais em 25 municípios do Estado. De acordo com o estudo, foram contabilizados um total de 38.224 pessoas que ocupavam uma área de 43.620,35 hectares descontínuos: definido e identificando assim os faxinais, por conseguinte, são áreas de uso em comum das comunidades rurais.

3 I PROCESSOS DE DESARTICULAÇÃO E DESAGREGAÇÃO DOS FAXINAIS

A vida dos faxinalenses, representam comunidades distintas, centradas nas estilhas do centro sul e sudeste do Paraná, das quais exercitam o uso comum de suas terras das quais são denominadas de criadouros comunitários e ali permanecem, a dualidade, que consistem no uso coletivo das terras e dos animais. Contudo, essas terras são legadas e, o uso das mesmas, por animais que ali são criados e vivem extraindo sua alimentação de forma grupal. A política de vida, dos faxinalenses, quanto às pastagens naturais é de concordância comunitária e já ultrapassam mais de 200 anos nessas regiões do Paraná. Entretanto, na atualidade, vem enfrentando desafios diante do plantio de soja, *pinus* e *eucalipto* e a infiltração de imigrantes de outros Estados, que adquirem áreas de terras ou para destoca e plantio de lavouras ou para transformar os faxinais em chácaras para lazer de quem vive na cidade. Essas práticas vêm causando o desconforto entre os moradores e gerando situações conflitantes entre os atores chamados de estranhos: minam a tradição dos nativos e moradores dos faxinais. Percebe-se, também que o sistema capitalista vem se apropriando indiscriminadamente dessas terras como reserve de capital e dos recursos naturais, visando obter vantagens exclusivas no uso das mesmas e, eliminando o uso coletivo dos faxinais.

Conforme relata BARRETO (2015) em sua observação realizada nos faxinais, destaca: “É possível notar nas conversas com moradores dos faxinais, principalmente com

os mais idosos que os criadores possuíam extensão maior no passado (50 anos atrás) do atualmente”. Percebe-se que a vida tranquila e tradicional dos faxinalenses tornou-se uma preocupação e que para manterem-se nessa organização ou nesse modo de vida, os atores perpassam por situações preocupantes e desconfortáveis, pois os entraves que indivíduos estranhos causam, preocupa os moradores tradicionais e, os quais necessitam solidificar-se para unir forças na eminência de manter de seu território preservado e o manejo ambiental sustentável, sem que haja prejuízos futuros e, até irreparáveis. O desafio enfrentado pelos faxinalenses, não permanece apenas no seu local, ganha campo na esfera estadual e federal, com a participação ativa dos moradores que lutam para manter sua identidade valorizada e especialmente preservada neste espaço geográfico dos faxinais do Paraná.

Percebe-se a contradição entre o que se diz e o que se pratica. Além de, ao mesmo tempo buscam-se estratégias contra as forças supressórias do capital, como grupo social organizado, a necessidade de obter-se ganhos no âmbito do núcleo familiar e, assim, descaracteriza a própria luta dos atores que querem preservar esse espaço cultural, de séculos de ocupação, como uso coletivo do faxinal. Resultados das mudanças dessa realidade são nítidas nos faxinais, em Prudentópolis (PR), na apresentadas da dissertação de mestrado de VAUREK (2019, p. 75-85), pois ali se confirmaram nas questões realizadas na pesquisa, sobre o uso do coletivo das terras nos faxinais. Uma delas foi sobre a construção de cercados ou piquetes, para criação de gado nos faxinais. Isso vem ocorrendo, segundo 33% dos entrevistados onde afirmam dizem que em alguns faxinais essa prática esta acontecendo e as áreas comuns já não existem mais nos faxinais. Dos entrevistados 16% dizem que essa prática as vezes vem acontecendo nos faxinais mas que é necessário e, com isso perde-se a história da organização comum de um faxinal. Na mesma lógica foram questionados se conhecem ou existem alguns programas, tanto municipal ou estadual de proteção dos solos nos faxinais. As respostas foi de que 47% conhecem e participam de programas da prefeitura e 29% nada conhecem ou não participam de nenhum programa. Também foram questionados sobre a importância de preservar os faxinais. Os faxinalenses se dividiram, pois 40% crê que é importante, 39% não acham que seja importante e estranhamente 21% achar que tanto faz preservar os faxinais. Também foram questionados sobre se já ouviram falar ou conhecem como funciona o monitoramento remoto de animais nos faxinias. Nesta questão ocorreu um equilíbrio entre os entrevistados, dividindo as opiniões com 33% perceber o monitoramento e 34% não ver essa prática no faxinal, os outros nada falam.

Destacam-se nas fotos n 3 e 4, alguns faxinais as cercas ja fazem parte das divisões dos espaços físicos, ou territórios, cercados e eliminando assim os faxinais, representando um novo processo de mudanças culturais por meio da desarticulação e desagregação de espacialidade que vem se acentuando, ano após ano, nos faxinais do Estado do Paraná-Brasil.



Fotos n 3 e 4 – novo processo de desartitilação dos faxinais em Prudentópolis (PR)

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Para compreender o desenvolvimento comunitário e territorial que envolvem fatores ambientais nos faxinais, foram questionados sobre vários aspectos sobre como, por exemplo, o meio ambiente e a utilização das terras nos faxinais de Prudentópolis (PR). Assim muitas atividades humanas sempre causaram algum tipo de impacto ao meio ambiente, visíveis aos que vem ocorreram nos faxinais no Estado do Paraná. No entanto, esse processo se intensificou nos últimos séculos e anos de ocupação, visto que, o modo de produção e consumo estão reduzindo cada vez mais a quantidade e a qualidade dos recursos naturais: desmatamentos, uso excessivo de agrotóxicos e tantas outras intervenções contribuem nas mudanças da estrutura física desses espaços coletivos.

Sendo assim, é necessária uma mudança de comportamento, para aqueles que ocupam esse espaço, voltarem-se sempre para a manutenção e defesa da vida comunitária, em todos os sentidos, preservando assim o desenvolvimento comunitário nos faxinais do Paraná.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este recorte espacial, nos faxinais, no Estado do Paraná, permite de forma específica, compreender que as características, nestas regiões, estão sendo desarticuladas no uso do solo e alterando as diferenças, ao longo da história de ocupação desse espaço geográfico, apresentam, contudo, variações nas características coletivas como a fragmentação das terras pelo uso constante de cercas e piquetes: fatos estes que vêm mudando a ocupação e das paisagens dos faxinais no Paraná.

Compreender as diferenças culturais entre, conceitos e teorias, encontraram-se sobretudo, nos conceitos mais esclarecedores e profundos, voltados ao desenvolvimento

local, regional e comunitário e que isso faz parte da própria cultura de desenvolvimento e ocupação feitas pelo homem numa comunidade organizada. Porém, a ocupação como espaços privados, na exploração da agricultura e pecuária, descaracteriza assim os faxinais – de uso coletivo para uso privado - deixando a organização conforme suas tradições, do aproveitamento em comum dos recursos naturais, especialmente, as pastagens exploradas em forma coletiva, para na atualidade, indicar mudanças neste comportamento, por processos modificadores das estruturas tradicionais dos faxinais: do uso coletivo para o privado.

Percebe-se que a vida tranquila e tradicional dos atores se tornou uma preocupação e que para manter-se nessa organização ou nesse modo de vida, os atores perpassam por situações preocupantes e desconfortáveis, pois os entraves que indivíduos estranhos causam no faxinal, preocupa os moradores tradicionais, os quais necessitam unir forças na eminência de manter de seu território preservado e o manejo ambiental sustentável sem que haja prejuízos futuros e até irreparáveis. Os atores buscam via efetivação do movimento social de autoafirmação coletiva manter e reforçar a união e avivar a articulação, via movimento social, a sua marca, a sua identidade própria, o seu registro comunitário de ocupação do espaço coletivo, visto que ali vivem e passam de geração a geração a tradição há mais de 200 anos.

Nessa linha de pensamento, percebe-se que, desenvolvimento comunitário e territorial vai muito além de meras comparações, inferências que visam apenas o fator econômico, mas que desenvolvimento comunitário aponta muito mais para a qualidade de vida do ser humano de forma sistêmica englobando todo o ecossistema sustentável. Seria incorreto pensar desenvolvimento comunitário dos faxinais de forma desconexa: do coletivo, social, cultural e ambiental.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Fernando Bastos. **Pequena Enciclopédia da Doutrina Social da Igreja**. São Paulo, Edições Loyola, 1991

BARRETO, Marcelo. **Desafios e Possibilidades na Reprodução Social do Modo de Vida dos Camponeses Faxinalenses do Paraná**. Geoiingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 7, n. 1, p. 42-57, 2015 ISSN 2175-862X.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual / Zygmunt Bauman**; tradução Plínio Dentzien. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CARMO, Hermano. **Desenvolvimento Comunitário**. Lisboa, Universidade Aberta 1999.

CHANG, M.Y. **Sistema Faxinal: Uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro Sul do Paraná**. Boletim Técnico, n. 22. Londrina: IAPAR, 1988.

EGGER, A. **Geoökologische Untersuchung des Faxinal - Waldweidesystems der Hochländer von Paraná, Südbrasilien.** In: Selbstverlagdes Geographischen Instituts der Universität Heidelberg, 2009.

FÖETSCH, ALCIMARA APARECIDA. **FAXINAIS E CAÍVAS: IDENTIDADES TERRITORIAIS NA REGIÃO DO CONTESTADO (PR/SC).** Tese apresentada Geografia, no Curso de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Curitiba 2014.

LÖWEN SAHR, C. L.; CUNHA, L. A. G. **O significado social e ecológico dos Faxinais:** reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da mata com araucária do Paraná. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, 2005. (p. 89-104).

NERONE, Maria M. **Terras de plantar, terras de criar - Sistema Faxinal:** Rebouças (1950-1997). Assis, 2000. Tese (Doutorado em História). Departamento de História da Universidade Estadual Paulista, 2000.

VAUREK, O. **Desenvolvimento Territorial: Apreciações Sobre Os Faxinais Em Prudentópolis (Pr).** Dissertação de mestrado, apresentada no programa em Desenvolvimento Regional. UnC. Canoinhas, 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alunos surdos 6, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22

Análise de SWOT 7, 8

Anos Finais 6, 24, 29, 30, 31, 32, 34, 35

B

Bahia 8, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 196, 197, 200, 201, 202, 203, 205, 206

BNCC 6, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 79, 192

C

Cartografia 64, 75, 78, 79, 81, 82

Centralidade Periférica 102, 105

Cuiabá 8, 24, 28, 34, 48, 75, 76, 82, 167, 168, 169, 170, 171, 175, 176, 177

D

Desenvolvimento Comunitário 7, 110, 111, 113, 114, 119, 120

Direito à cidade 7, 102, 103, 108, 109

Docência 36, 75, 82, 85, 207

E

Educação 7, 3, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 58, 62, 74, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 99, 101, 102, 103, 104, 108, 139, 157, 187, 188, 191, 192, 195, 207

Educação Especial Inclusiva 7, 83, 84, 85, 90

Ensino 2, 6, 7, 4, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 108, 139, 191, 207

Ensino de Geografia 16, 21, 23, 78, 82, 92, 93, 98, 101

Espacialidade 61, 110, 114, 118

Espaços não-formais 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 73, 74

Estágio 7, 75, 76, 77, 78, 81, 82

F

Fauna 140, 143, 146, 152, 153, 163

Faxinais 7, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Flora 140, 146, 148, 153

G

Geoconservação 6, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47

Geografia Física 74, 79, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99

Goiânia 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 74

I

IFG 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13

Ilhas Atol 8, 155, 156, 159, 160, 161

Incentivos Fiscais 178, 183, 184, 185, 186

L

Lago 7, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

LGBTQIAP+ 8, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205

Livro Didático 6, 37, 38, 41, 44, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 78, 81, 100

M

Memória 8, 13, 30, 167, 169, 176, 177, 207

Migrantes 106, 110, 155, 157, 158, 165

MODIS 122, 125, 126, 137, 138

N

Nível do Mar 8, 143, 155, 156, 158, 159, 160, 162, 165, 166

O

Oficinas 7, 28, 60, 83, 84, 85, 90

P

Paisagem 2, 5, 6, 7, 9, 13, 38, 41, 59, 63, 65, 66, 67, 68, 72, 87, 93, 115, 117, 169, 174

PIBID 83, 85, 87, 88, 89, 90

População Negra 48, 56

PROBAHIA 178, 179, 182, 183, 184, 186

R

Relações Étnico-Raciais 48, 51, 52, 53, 56

Relevo 7, 92, 93, 94, 97, 98

Resistência 8, 68, 70, 109, 163, 196, 197, 199, 202, 203, 204

Ressurgência 7, 122, 123, 124, 134

S

São Gonçalo 6, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74

Segregação Socioespacial 7, 102, 103

T

Temperatura 7, 64, 71, 122, 123, 124, 125, 127, 129, 130, 134, 136, 138, 143, 146, 163, 172

Territorialidade 8, 167, 169, 177

Território 1, 6, 76, 80, 81, 87, 88, 110, 112, 118, 120, 156, 158, 163, 164, 165, 169, 177, 178, 184, 186, 190, 196, 198, 199, 201, 203, 204

Territórios da morte 8, 196, 197, 204

Tratados 62, 86, 155, 163, 164, 165

U

Uso do território 178, 184, 186

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Geografia, Ensino e Construção de Conhecimentos



 **Atena**
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Geografia, Ensino e Construção de Conhecimentos



 **Atena**
Editora

Ano 2021